

Balança comercial melhora, e déficit externo recua

Gasto de brasileiros no exterior, de US\$ 2,4 bi, foi o maior da história. Copa trouxe US\$ 850 milhões, diz BC

GABRIELA VALENTE
valente@bsb.oglobo.com.br

-BRASÍLIA- A conta de transações correntes (resultado de todas as trocas de serviços e do comércio do país com o resto do mundo) teve um resultado negativo de US\$ 6 bilhões em julho. Por causa de uma recuperação da balança comercial — o resultado ficou positivo em US\$ 1,58 bilhão, com exportações correntes de US\$ 23,03 bilhões e importações de US\$ 21,45 bilhões —, o déficit das contas externas caiu em relação ao mesmo período do ano passado, quando chegou a US\$ 9 bilhões. O dado surpreendeu até o Banco Central (BC), que apostava num déficit de US\$ 6,7 bilhões no mês passado.

Segundo os números do BC, a situação das contas externas também melhorou em relação ao acumulado no ano. De Ja-

neiro até o mês passado, o déficit do país soma US\$ 49,3 bilhões. No mesmo período de 2013, era de R\$ 52,2 bilhões. Em relação ao tamanho da economia, o resultado acumulado caiu de 4,04% para 3,74% do PIB (Produto Interno Bruto, conjunto de bens e serviços produzidos no país).

CÂMBIO FAVORECEU VIAGENS

Já os gastos com viagens internacionais bateram recorde. O fato de o país sediar a Copa do Mundo não impediu o brasileiro de viajar. Julho foi o mês em que o turista daqui mais gastou em viagens internacionais em toda a história. As despesas chegaram a US\$ 2,4 bilhões: as maiores para qualquer época do ano desde quando o BC começou a registrar os dados, em 1947.

Já os torcedores estrangeiros que vieram para assistir à com-

Números

US\$ 6 BILHÕES

Foi o déficit nas contas externas do país em julho. O número ficou menor que o esperado pelo BC (US\$ 6,7 bi) e menor que o registrado no mesmo mês de 2013 (US\$ 9 bi)

US\$ 49,3 BILHÕES

Foi o resultado negativo no acumulado de janeiro a julho. Em igual período de 2013, o déficit ficou em US\$ 52,2 bi

US\$ 1,6 BILHÃO

Em julho, o saldo da balança de viagens internacionais ficou negativo

petição gastaram US\$ 789 milhões no mês passado. Na comparação com o mesmo período de 2013, a balança de viagens internacionais do Brasil ficou estável, com déficit de US\$ 1,6 bilhão em julho.

Nos cálculos do BC, a Copa do Mundo trouxe cerca de US\$ 850 milhões para o Brasil em gastos de turistas aqui e compra de passagens aéreas em julho, julho e um residual em agosto (já que vários gastos feitos com cartão de crédito só são computados no mês seguinte). O número ficou dentro da estimativa do Banco Central, que era de ganhos para o país entre US\$ 800 milhões e US\$ 1,1 bilhão.

— A Copa não foi assim uma Brastemp no sentido de atrair turistas estrangeiros. Houve um aumento dos gastos de turistas estrangeiros aqui entre junho e julho, mas nada que

compense as despesas de brasileiros no exterior — avaliou o economista-chefe da corretora Gradual, André Perfeito.

Para Sergio Vale, economista da MB Associados, a Copa foi ruim em termos de resultados econômicos. Segundo ele, a paralisa da atividade em julho e julho nunca aconteceria em uma situação normal.

— Muita gente deve ter aproveitado o período da Copa para tirar férias fora daqui, com receio de manifestações e já sabendo que a economia ficaria parada. Ajudou também o fato de a taxa de câmbio ter ficado mais favorável nesse período do que sinalizava até março deste ano — ponderou o analista.

INVESTIMENTO DIRETO ESTÁVEL

Por outro lado, ressaltou Sergio Vale, o país manteve o ritmo de entrada de investimen-

tos diretos, capital considerado de melhor qualidade, porque se destina à ampliação da capacidade de produção nas fábricas. Nos sete primeiros meses deste ano, o Brasil recebeu US\$ 35,2 bilhões em investimentos. É exatamente a mesma quantidade captada no mesmo período do ano passado.

No entanto, em relação ao PIB, os investimentos apresentaram uma queda de 2,85% para 2,66%. Mesmo assim, o resultado foi considerado positivo pelo BC.

— Isso mostra que o fluxo de investimento tem vindo de uma forma contínua — frisou o chefe do Departamento Econômico do BC, Túlio Maciel. ●



NA WEB
<http://globo.com/na730>
Copa eleva gastos de estrangeiros com cartões de crédito e débito

Reunião mostra BC americano rachado; Yellen pede cautela

Presidente do Fed diz que mercado de trabalho continua frágil demais

-JACKSON HOLE, EUA- O Federal Reserve (Fed, o banco central americano) deve ter cautela ao decidir o momento certo para começar a elevar as taxas básicas de juros, uma vez que o mercado de trabalho permanece afetado pela Grande Recessão que atingiu o país, afirmou ontem a presidente da instituição, Janet Yellen. O discurso foi uma resposta à pressão de alguns setores para que o Fed antecipe a elevação da taxa básica de juros.

Na conferência anual do BC americano, Yellen expôs as razões pelas quais acha que a taxa de desemprego sozinha não serve para avaliar a força do mercado de trabalho e por que o Fed deve ter cautela. O desemprego nos EUA está hoje em 6,2%.

Depois de Yellen, falou o presidente do Banco Central Europeu (BCE), Mario Draghi. Ele afirmou que o BCE está pronto para usar todos os instrumentos a seu dispor para evitar um risco de deflação na zona do euro, defendendo menos austeri-

dade e mais estímulos. Os comentários de Yellen e Draghi mostram como dois dos principais BCs globais vêm lidando com as complexidades de mercados de trabalho ainda muito afetados pela crise de 2008.

Yellen defendeu sua visão de que ainda há na economia americana uma folga significativa, apesar dos contra-argumentos de alguns de seus colegas, que acreditam que os mercados estão mais "apertados" do que ela crê e há risco de inflação.

— Não há uma receita simples para a política (monetária) adequada — disse ela, argumentando em defesa de uma abordagem pragmática, que se apoie mais em dados coletados empiricamente do que em fórmulas preestabelecidas.

Antes de Yellen falar, vários altos dirigentes do Fed defenderam a antecipação do aumento das taxas de juros, que desde dezembro de 2008 estão entre zero e 0,25%. O presidente do Fed da Filadélfia, Charles Plosser, membro votante do Conselho Federal de Mercado Aberto (Fomc, órgão responsável por definir as taxas de juros), e outros dois diretores alertaram sobre os riscos de uma demora em elevar as taxas.

— Prefiro começar a elevar a



Protesto. Janet Yellen cruza com manifestante. Na placa, crítica à fraca dinâmica do mercado de trabalho americano

“Não há uma receita simples para a política (monetária) adequada”

Janet Yellen
Presidente do Federal Reserve, o banco central americano

taxa básica de juros mais cedo do que esperar até o último minuto — disse Plosser.

‘QUE RECUPERAÇÃO?’

Yellen, por sua vez, disse que vem quebrando a cabeça para determinar o quanto o ainda frágil mercado de trabalho americano sofre devido a transformações estruturais de longo prazo, que estão além da capacidade de atuação do Fed, em contraponto a fatores mais provisórios, que podem ser resolvidos por meio de cortes de taxas de juros.

— Fatores estruturais significativos afetaram o mercado de trabalho, inclusive o envelhecimento da força de trabalho e outras tendências demográficas, possíveis mudanças no

grau de dinamismo do mercado de trabalho e o fenômeno da “polarização”, ou seja, a redução no número relativo de vagas de empregos medianos — disse Yellen.

Do lado de fora da conferência, um grupo de manifestantes abordava os palestrantes para explicar que os trabalhadores ainda enfrentam dificuldades. Eles usavam camisetas verdes com o slogan “Que recuperação?”. Eles afirmavam ainda que a situação é mais grave nas comunidades pobres e predominantemente negras, onde o desemprego chega a 11%. ●



NA WEB
<http://globo.com/na730>
Economia surrealista dos EUA divide analistas

Bovespa cai 0,99%, após seis pregões em alta

Expectativa com com os EUA faz dólar subir 0,57%, a R\$ 2,281

Após subir seis pregões consecutivos embalada pelo clima eleitoral, a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) caiu 0,99% ontem, aos 58.407 pontos. Já o dólar comercial avançou 0,57%, cotado a R\$ 2,281, seguindo tendência global de aversão a um risco e repercutindo a fala da presidente do Federal Reserve (Fed, banco central americano), Janet Yellen, da qual se esperava sinais mais firmes de manutenção dos juros baixos. Nos EUA, o Dow Jones recuou 0,22%, e o S&P 500, 0,20%. Já a bolsa eletrônica Nasdaq subiu 0,14%.

No cenário doméstico, a maior pressão negativa veio da Petrobras: a ação ordinária (com direito a voto) caiu 2,09% e a preferencial (sem voto) teve queda de 1,88%. No caso da Vale, as ONs caíram 0,95%, assim como as PNs, com recuo de 0,92%.

— Não houve nenhuma notícia que justifique a queda das ações, nem sequer o discurso da Janet Yellen, que não disse nada que o mercado já não soubesse. Mas o Ibovespa ainda está acima dos 58 mil pontos — disse Raphael Figueredo, analista da Clear Corretor. (Renan Setti) ●

SAMSUNG - ROCK IN RIO - ZICO

Para descobrir como grandes marcas e nomes se tornaram referências mundiais, você precisa estar no lugar certo.

SEMINÁRIO DESAFIOS DO CRESCIMENTO
GESTÃO DE MARCA PARA PEQUENAS EMPRESAS*

PROGRAMAÇÃO
8h30 - Welcome Coffee

Administrar bem uma marca é tarefa que precisa ser bem realizada por todas as organizações. O seminário **Desafios do Crescimento** é uma solução do programa **Sebrae Mais**, destinado a pequenas empresas. Venha conhecer a fundo cases e pessoas que obtiveram sucesso na administração de suas marcas corporativas e pessoais e querem compartilhar suas experiências.

Dia 1º de setembro de 2014
Centro de Convenções SulAmérica
Av. Paulo de Frontin, 1 | Acesso principal pela Rua Beatriz Larragotti Lucas - Cidade Nova - Centro

